

# A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Child involvement in organization  
of space in childhood education*

*Circe Mara Marques<sup>1</sup>  
Vera Lúcia da Silva<sup>2</sup>*

Recebido em: 09 dez. 2015

Aceito em: 05 fev. 2016

## RESUMO

Este artigo trata da organização dos espaços na educação infantil. Tendo em vista que o modo de organização dos mesmos poderá favorecer ou restringir as aprendizagens, interações e brincadeiras das crianças, discutir esse tema se faz necessário. Resultou de uma investigação que teve como propósito saber os modos de participação das crianças na organização dos espaços da sala de aula. O objetivo principal foi analisar as oportunidades que estão sendo dadas às crianças de três a quatro anos para que sejam protagonistas na organização dos espaços na sala de aula. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada em uma escola de educação infantil localizada em um município da região metropolitana de Porto Alegre. Os dados foram coletados a partir de observações da ação educativa e mediante entrevista com a professora da turma. As análises foram realizadas a partir dos documentos oficiais do MEC e dos estudos de autores como Forneiro (1998), Horn (2004), Redin (2004), dentre outros. Os resultados dessa investigação mostraram que espaços físicos pequenos podem ser reinventados com/pelas crianças de modo a contemplar as suas brincadeiras e interações.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Infância. Espaço.

---

1 Doutora em Educação pela UFRGS. Professora no curso de Pedagogia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA – Faculdade INEDI). E-mail: circemamarques@gmail.com.

2 Acadêmica do curso de Pedagogia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA – Faculdade INEDI). E-mail: verinhal\_gvt@hotmail.com.

## ABSTRACT

This article deals with the organization of spaces in early childhood education. Considering that the organization of the environment can favor or restrict learning, interactions and games, a discussion this subject is needed. The study is a result of an investigation that aimed to know the means of participation of children in the organization of classroom spaces, so, co-authorship of the kids in the organization of those places. The main objective was to analyze and investigate the opportunities that are given to children from three to four years old that can be protagonist in the organization of spaces in the classroom. The qualitative research was done in an early children's school in a town located in the metropolitan region of Porto Alegre. The data was collected from observations of educational action and through interview with the teacher in charge. The analysis was carried out taking into consideration official documents of MEC (Education Ministry of Brazil) and from studies carried out by authors like Forneiro (1998), Horn (2004), Redin (2004), among others. The results of this research showed that room space could be reinvented with/for children to contemplate their play and learning.

**Keywords:** Early Childhood Education. Childhood. Space.

## INTRODUÇÃO

A Lei nº 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN), informa em seu art. 29 que “a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade”. Para dar conta desse desenvolvimento, os espaços educacionais podem ser importantes aliados dos professores. Ou seja, dependendo do modo os como são organizados, promovem ou restringem as possibilidades de interações e brincadeiras pelas crianças.

Os espaços não são somente um pano de fundo (FORNEIRO, 1998) - eles instigam a curiosidade, as interações e interferem diretamente nas aprendizagens das crianças, “por isso dizemos que o ‘ambiente fala’, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-

nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes” (FORNEIRO, 1998, p. 233).

Este estudo trata da organização dos espaços na educação infantil. A pergunta que orientou a pesquisa está relacionada às oportunidades que têm sido dadas às crianças de três a quatro anos para que sejam protagonistas na organização dos espaços na educação infantil.

A pesquisa caráter é de natureza qualitativa e ocorreu em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), localizada na região metropolitana de Porto Alegre. Tal abordagem se deu a partir de um estudo de caso e teve a intenção de analisar e investigar as oportunidades que estavam sendo dadas às crianças de três a quatro anos, para que fossem protagonistas na organização dos espaços na sala de aula. Foram realizadas observações na sala da turma e entrevistas semiestruturadas com a professora e uma roda de conversa com o grupo de crianças.

Para desenvolver as análises, tomamos como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) e os estudos de Forneiro (1998), Horn (2004), Redin (2004), entre outros.

Inicialmente apresentaremos o quadro teórico que embasou as análises, ou seja, as concepções de infância, de educação infantil, de imaginação e de espaço. Posteriormente, detalharemos a metodologia utilizada. Por fim, apresentaremos a descrição e a análise dos dados coletados durante a investigação.

## **INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO INFANTIL**

Atualmente a criança é reconhecida como sujeito de direitos, entretanto nem sempre foi assim. Reportando-nos ao século XIII, vemos, a partir dos estudos de Ariès (1981), que a concepção de infância como fase específica não existia, pois, a vida das crianças não era separada da vida dos adultos. Segundo esse pesquisador,

as crianças daquela época vivenciavam sua infância como adultos em miniatura, inseridas desde muito pequenas no mundo adulto, participando da vida social, cultural e dos jogos por esses praticados. (ARIÉS, 1981, p. 51)

Somente no início do século XVII surgiu um novo sentimento de infância e teve início um maior interesse pelos cuidados em relação ao sujeito infantil. A partir de então, emergiu uma nova pedagogia direcionada à infância. As crianças passaram a ser vistas em sua fragilidade e puerilidade, precisando ser cuidadas e preservadas dos segredos da vida adulta. Esse pensamento moderno, construído com base nas teorias do desenvolvimento infantil, disseminou um modelo único e universal de infância, que ainda hoje permeia muitos discursos e práticas educativas. Disso resultou uma categorização, a partir de estágios de desenvolvimento, que estabelece de antemão as capacidades que precisam ser alcançadas pelas crianças em cada uma das fases de sua vida.

Na sociedade contemporânea, novas pesquisas vêm afirmando a inexistência de uma infância única e universal (DORNELLES, 2005) e nos provocando a tratar dos sujeitos infantis em suas multiplicidades e historicidades – as infâncias.

Outro aspecto relevante no contexto atual é a afirmação dos Direitos das Crianças, garantido na Constituição Federal (1988) e no Estatuto de Crianças e do Adolescente (1990). Essa nova concepção de infância nos desafia a reinventá-la como protagonistas em seu processo educativo.

A educação infantil, segundo a LDB, Art. 29, “é a primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade”. Para dar conta desse compromisso, cada instituição deve elaborar a sua Proposta Pedagógica. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), essas Propostas Pedagógicas devem estar assentadas em dois eixos básicos: as interações e as brincadeiras. Esses eixos são relevantes na vida da criança e precisam ser cuidadosamente planejados. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação” (BRASIL, 1998, p. 22).

---

## A CRIANÇA COMO PROTAGONISTA NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

A relevância do protagonismo infantil está claramente afirmada nas DCNEI (2009). Segundo esse documento, a criança é o

[...] centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 4)

Contudo, direcionando o olhar mais especificamente para a organização dos espaços, vemos que esse protagonismo não se concretiza. Muitas escolas recebem as crianças com as salas prontas e suas paredes decoradas. É comum que essas decorações sejam feitas pelos adultos a partir de imagens estereotipadas, representando personagens amplamente conhecidos através das mídias direcionadas à infância, com o propósito de atrair as crianças e seus familiares. Assim,

[...] encontramos frequentemente paredes, com bichos da Disney, figuras da Monica e Cebolinha, caprichosamente colados sem nenhuma interferência das crianças que habitam o espaço. Dentre as consequências que isso acarreta poderíamos citar uma infantilização do processo de aprendizagem, como se as crianças não pudessem trabalhar com outros enredos se não esses e como se elas não pudessem ter vontade própria. (HORN, 2003, p. 48)

Seguindo esse viés, também Madalena Freire em entrevista concedida à Abramovich (2003) refere-se a esse tipo de instituição como sendo escolas mortas, afirmando que suas ações pedagógicas equivalem a um cemitério. Esse modo de organização do espaço não só evidencia uma concepção de criança como sendo sujeito passivo frente ao espaço que habita como também não dá visibilidade à vida que acontece ali. É importante que os espaços da sala não sejam previamente organizados e as paredes decoradas de antemão pelos professores, mas, ao contrário, tudo isso seja planejado e organizado ‘com’ as crianças, e não ‘para’ as crianças.

A forma como são organizados os espaços devem mostrar as identidades dos sujeitos que ali habitam, bem como os processos de aprendizagem que estão sendo ali vividos.

O espaço não é um pano de fundo onde acontece a ação pedagógica; ele é mais um modo de ensinar, dizendo em outras palavras, “é um terceiro educador” (MESMIN apud ESCOLANO; FRAGO, 1998, p. 27). Nesse sentido, consideramos que “o ‘ambiente fala’, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes” (FORNEIRO, 1998, p. 233). Ele não pode ser fixo, mas, ao contrário, “precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível as suas necessidades” (EDWARDS, GANDINI e FORMAN, 1999, p. 157).

Tendo em vista a importância da organização dos espaços na educação das crianças de zero a cinco anos, é imprescindível que nos perguntemos: as crianças têm sido protagonistas dos espaços que habitam na escola? De que modo isso vem sendo feito?

## **O PAPEL DO ADULTO NO PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS**

Ao planejar e organizar o espaço na escola infantil, o educador precisa não só garantir que o mesmo seja rico em desafios, mas também escutar as múltiplas linguagens das crianças que habitam tal espaço. Isso requer um olhar sensível e atento do professor (HORN, 2004), pois, como foi dito anteriormente, o modo como o mesmo está organizado revela a concepção pedagógica desse educador.

Forneiro (1998) aponta alguns critérios que devem ser considerados na organização dos espaços: estruturação, delimitação, transformação, estética, pluralidade, autonomia, segurança, diversidade e polivalência.

Com relação à estruturação “a sala deve estar organizada em diferentes áreas de jogo-trabalho que favoreçam a diversidade de opções e, portanto, a escolha por parte da criança” (FORNEIRO, 1998, p. 256). Para delimitar essas áreas “podemos usar diversos elementos, como o

mobiliário, as marcas no piso ou nas paredes, etc.” (FORNEIRO, 1998, p. 257). Ao introduzir esses elementos, é importante que as crianças se apropriem desse lugar de modo que possam fazer mudanças conforme as necessidades que emergem em suas brincadeiras. Forneiro ainda sugere que as delimitações dos espaços sejam fracas, de modo que possam ser facilmente eliminadas, modificadas ou transformadas pelas crianças.

O espaço ainda deve educar a sensibilidade estética das crianças (FORNEIRO, 1998). Estar no local e fazer parte do mesmo devem ser uma experiência agradável para todas as crianças. Além disso, é imprescindível que esse espaço esteja qualificado para dar conta das múltiplas linguagens das crianças.

Também a pluralidade deve habitar o espaço da educação infantil, de modo que todas as raças estejam ali representadas. Segundo Forneiro (1998, p. 261), essa pluralidade “se dá através dos materiais, incluindo elementos do ambiente natural e social que reflitam claramente as raízes culturais das crianças da turma, e também de elementos procedentes de outros ambientes afastados no espaço e/ou no tempo”.

Os mobiliários da sala devem garantir condições para que as crianças possam pegar, manipular, explorar e guardar com autonomia os diferentes tipos de brinquedos e materiais. Contudo, a segurança é um critério de importância máxima, pois, em se tratando de crianças pequenas, todos os espaços devem garantir a sua integridade física. Para isso, “O mobiliário deve ser estável, sem arestas que possam produzir cortes em caso de quedas, e o material deve cumprir as garantias exigidas quanto à salubridade e a higiene” (FORNEIRO, 1998, p. 258), por exemplo.

A diversidade é um critério que visa garantir a “variedade de áreas que permita dar respostas às múltiplas necessidades das crianças, assim como a diversidade de sua forma de ser e de suas experiências” (FORNEIRO, 1998, p. 259). Nesse sentido, é importante que o espaço ofereça possibilidades para a criança escolher entre ficar em grande grupo, ficar com seus companheiros preferidos e até mesmo ficar sozinha. Também escolher se deseja brincar ou trabalhar em pé, sentada na cadeira, sentada no chão ou deitada no tapete.

Por fim, essa pesquisadora destaca a necessidade de que os espaços sejam polivalentes, sendo que essa “polivalência refere-se às possibilidades de utilização que as diferentes áreas da sala de aula oferecem” (FORNEIRO, 1998, p. 260).

Certamente esses critérios de qualidade na organização dos espaços podem auxiliar os professores que atuam a educação infantil a reinventarem os espaços de suas salas em parceria como as crianças. Cabe aos docentes criar condições para que as crianças sejam protagonistas na organização desses espaços de interações e brincadeiras.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa é de natureza qualitativa e a abordagem foi feita a partir de um estudo de caso. Este, de acordo com GIL (2002, p. 54),

Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados. Logo o que cabe propor ao pesquisador disposto a desenvolver estudos de caso é que redobre seus cuidados tanto no planejamento quanto na coleta e análise dos dados para minimizar o efeito dos vieses.

Os dados foram coletados em 2015, a partir de vinte horas de observações na turma do Jardim I, de entrevistas semiestruturadas com a professora e uma roda de conversa com as crianças da turma. Para isso, foram elaborados roteiros semiestruturados, sendo um deles para a observação da turma e o outro para a realização da entrevista com a professora. Esses instrumentos abarcaram questões relacionadas às oportunidades dadas às crianças para que sejam protagonistas na organização dos espaços na sala de aula.

O local escolhido para desenvolver esse estudo foi uma Escola Municipal de Educação Infantil, localizada em um bairro residencial de um município da região metropolitana de Porto Alegre. A comunidade local carece de recursos econômicos, sendo que as moradias são, com frequência, invadidas pelas cheias que as enchentes provocam. Quando isso acontece, as pessoas perdem o pouco que possuem, tendo que se retirar de suas casas e se abrigar nas igrejas, escolas e ginásios até que

possam retornar às suas casas. O saneamento básico desse bairro é precário; os moradores sofrem com esgoto a céu aberto, ocasionando, muitas vezes, doenças nas crianças. Enfim, é uma comunidade que necessita bastante dos programas sociais do governo.

Participaram dessa pesquisa a professora e as quinze crianças de 4 a 5 anos que integram o Jardim I. A professora da turma é formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia. Ela atua há 24 anos na educação infantil do município. A turma é de turno integral e está constituída por quinze crianças de 4 a 5 anos, sendo cinco meninas e dez meninos.

## **DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO DA SALA DATURMA DO JARDIM I**

A sala da turma, embora seja pequena, possui uma janela que se estende por toda a parede, deixando o ambiente bem iluminado e arejado. O espaço está organizado com três mesas coletivas com quatro lugares cada uma. Contudo, considerando o número de crianças, é necessário colocar uma cadeira a mais em cada uma das mesas, sendo que isso tornaria o espaço um tanto apertado para elas realizarem as atividades. Essas mesas também são usadas para as crianças fazerem as refeições uma vez que a escola não possui refeitório.

Os materiais de uso das crianças ficam armazenados em um armário aberto e com prateleiras baixas, possibilitando autonomia para o grupo escolher, pegar e guardar aquilo que deseja. Também as toalhas de mão e as mochilas encontram-se penduradas nas partes baixas das paredes, permitindo o acesso sempre que necessário. Há também um espaço delimitado com um tapete onde a turma se reúne para fazer a roda de conversas, ouvir histórias e jogar em grupo.

Os colchões ficam empilhados em um dos cantos da sala. No momento do descanso, é necessário empilhar as mesas e as cadeiras de modo a abrir espaço para estender os colchões para as crianças dormirem. Esse trabalho é iniciado pela professora quando as crianças se encontram realizando a higiene bucal, depois das refeições. Depois

que elas concluem a higiene e retornam para a sala, passam a auxiliar a professora na preparação do espaço para o descanso.

Todos os brinquedos, jogos e materiais da sala de aula ficam expostos em estantes baixas, ao alcance das crianças. Elas têm livre acesso aos mesmos durante as brincadeiras. A professora brinca junto com o grupo e faz mediações quando ocorrem disputas entre elas. Diversos brinquedos, assim como os livros de histórias, estão bastante desgastados pelo uso, embora inteiros. Cabe destacar que esses materiais existem em quantidade suficiente para todas as crianças brincarem. Considerando que o espaço da sala é pequeno, parte dos brinquedos fica guardada na sala da direção e está organizada em caixas temáticas: caixa de fantasias, caixas de jogos de encaixe, caixa de bonecas, etc.

Diariamente a professora consulta a turma sobre o tipo de brinquedos que deseja, e busca esse material na sala da direção. As crianças então rapidamente transformam os espaços da sala, usando os materiais das caixas e os disponíveis nas estantes. Delimitam os espaços de brincadeira com as cadeiras e as próprias caixas onde os brinquedos estavam guardados. Terminado o momento de brincadeira, tudo é recolocado no antigo lugar - a professora e as crianças devolvem a caixa de materiais para a sala da direção.

Considerando os critérios para organização do espaço apontados por Forneiro (1998), percebe-se que a turma do Jardim I e sua professora, apesar do limitado espaço físico, entendem que “a sala deve estar organizada em diferentes áreas de jogo-trabalho que favoreçam a diversidade de opções e, portanto, a escolha por parte da criança” (FORNEIRO, 1998, p. 256), mesmo que essas organizações sejam temporárias, o grupo pesquisado mostrou o modo como dribla com criatividade essa adversidade. Contudo, cabe destacar que isso se torna possível porque as delimitações das áreas são fracas, de modo que os limites podem ser eliminados e transformados com/pelas crianças, conforme sugere Forneiro (1998).

A decoração da sala do Jardim I também vai ao encontro do pensamento Forneiro (1998), quando destaca a importância da sensibilidade estética. As paredes da sala documentam as pesquisas desenvolvidas pelas/com as crianças, os relatórios dos jogos e brincadeiras que realizaram, a pinturas e os desenhos que produziram

e as histórias que ouviram ou criaram. Esses registros são produzidos a partir de diferentes tipos de materiais, especialmente sucatas e são resultados de produções individuais e coletivas.

A altura do mobiliário e a disposição dos materiais favorecem a polivalência no uso do espaço tanto quanto a autonomia das crianças. Também as interações das crianças ficam privilegiadas. Referente a isso, Forneiro (1998) considera que as crianças podem ser “protagonistas da sua aprendizagem, que aprendam a partir da manipulação e da experimentação ativa da realidade e através das descobertas pessoais” (FORNEIRO, 1998, p. 249-250).

Enfim, apesar de a sala possuir limitações em seu espaço físico, isso não representa um fator que impossibilite as aprendizagens, interações e brincadeiras. A professora e as crianças driblam as adversidades com criatividade de modo que sala atenda à maioria dos critérios de qualidade apontados por Forneiro (1998).

#### O PROTAGONISMO DA TURMA DO JARDIM I NA REINVENÇÃO DOS ESPAÇOS DA SALA

Segundo Edwards, Gandini e Forman (1999), o espaço escolar deve garantir o bem-estar de todos que habitam o local. Embora seja inviável a organização de cantos temáticos permanentes na sala do Jardim I, as crianças estão autorizadas pela professora a intervir na estrutura espacial da sala para adequá-la às suas brincadeiras, ainda que ao término das mesmas seja necessário recolocar tudo no lugar. Além disso, a professora diariamente consulta as crianças sobre a caixa de brinquedos que elas desejam usar e isso mostra que existe no grupo uma relação democrática na organização do espaço.

A turma diariamente inventa os espaços conforme a temática de suas brincadeiras. Por exemplo, enquanto realizavam o projeto *Os Dragões*, as crianças cobriram as mesas com panos grandes e entraram embaixo dessas cabanas que se transformavam em cavernas. Em outros momentos, a pilha de colchões se transformava nos castelos das princesas e as caixas de brinquedos, em casinha da bruxa.

Os espaços da sala do Jardim I são reinventados pelas crianças a partir de seus próprios jogos e brincadeiras. Assim é concretizado

aquilo que está previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) quando estabelece que a criança deve ter garantidas as possibilidades de brincar, imaginar, fantasiar, desejar, aprender, observar e experimentar.

O limitado espaço físico da sala não favorece a permanência de cantos temáticos na sala. Contudo, montar e desmontar os espaços do faz-de-conta faz parte da brincadeira. Nesse sentido, a temporalidade não tem representado um empecilho para o grupo, mas, ao contrário, um convite para inventar “coisas” novas todos os dias.

## OS ESPAÇOS DA ESCOLA COMO UM PARCEIRO DA PROFESSORA

A professora pesquisada afirmou que “o espaço precisa ser um lugar de liberdade”, onde as crianças possam desenvolver suas múltiplas linguagens. Ela reconhece ter poucas possibilidades para “*introduzir mudanças significativas na sala*” (Professora do J1), mas busca criar condições para que as crianças, em suas brincadeiras, rompam com o habitual e inventem coisas novas. Essas mudanças são feitas com/pelas próprias crianças a partir dos seus interesses. A professora assume uma postura de escuta e, a partir dessa escuta, faz mediações no sentido de potencializar a imaginação.

Com relação planejamento da organização do espaço da sua sala, ela relatou que o mesmo foi organizado por ela no início do ano letivo, contudo, “*a decoração começou a ser feita na medida em que as crianças foram chegando e trazendo suas fotos, seus brinquedos, suas experiências, suas preferências, etc*” (Professora do J1). Essa afirmação da professora mostra que “O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula” (HORN, 2004, p. 15).

Ela pontuou que é trabalhoso fazer as modificações diárias na sala por conta das necessidades de reorganizar os espaços para dar conta das necessidades específicas de cada momento da rotina, como a alimentação, o descanso e as brincadeiras. Contudo, busca sempre envolver as crianças nessas organizações e percebe que “*elas gostam de trocar as coisas de lugares*” (Professora do J1). Outras modificações

também são feitas conforme as atividades, as brincadeiras ou projetos que estão desenvolvendo.

Embora a professora não esteja plenamente satisfeita com o espaço físico da sala, ela procura, tanto quanto possível, criar condições para torná-lo seu aliado na promoção de brincadeiras e aprendizagens das crianças. Nesse sentido, Forneiro (1998) ensina que não podemos ficar indiferentes ao espaço, afinal, ele não é neutro, mas ao contrário, é mais um educador. Espaços prazerosos, aconchegantes, acolhedores e desafiadores podem educar tanto quanto o professor que está ali.

## O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR

Durante a roda de conversa com as crianças da turma do Jardim I sobre os espaços da sala, elas são unânimes em afirmar que gostam de tudo na escola. Ao serem perguntadas sobre o lugar preferido, apontaram o “- *canto dos brinquedos, quando a profe busca as caixas!*” e justificaram essa escolha dizendo que “*ali dá prá fazer tudo que a gente quer*”, ou seja, tudo que cabe em suas imaginações. Como já dissemos anteriormente, as crianças do Jardim I interagem com criatividade nesse lugar, transformando objetos e móveis em cavernas, castelos ou esconderijos. Vale destacar que a imaginação é uma característica comum a todas as crianças (SARMENTO, 2002, s.p) e isso se manifesta com muita força nas brincadeiras.

Outro aspecto levantado pelas crianças está relacionado ao fato de que nesse espaço “*a gente pode escolher com quem quer brincar*”. Essa observação mostra que elas gostam de estar juntas e apreciam escolher os seus parceiros de jogo.

Ao serem indagadas se mudariam algo em sua sala, apontaram que tirariam as mesas “*porque quando a gente senta, fica todo mundo muito apertado pra desenhar, pra comer...*”. Explicaram que as colocariam “*lá no pátio*” e comemoram a idéia dizendo que assim teriam um “*’espaço para brincar*” e “- *Ah, nós podemos fazer piquenique lá na rua, embaixo daquela árvore que é bem grande!*”. Por fim, ao serem indagadas sobre como fariam para lanchar em dias de chuva, elas responderam: “- *Eba! Tomamos banho de chuva!*” e “- *faremos cabanas para nos proteger!*”

Mas, se for dia frio?, perguntamos. Elas responderam “- *a gente coloca casaco!*” Dando continuidade ao questionamento, indagamos sobre como fariam se fosse muito, muito, muito frio. Elas, então, riram e rebateram: “- *Nós botamos muitos, muitos, muitos casacos!*”

Nesse sentido, vimos que as informações trazidas pelas crianças vão ao encontro daquilo que está previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), quando estabelece que as propostas pedagógicas das escolas devem apresentar as interações e as brincadeiras como eixos norteadores. No entanto, muitas vezes, como é o caso da escola pesquisada, o espaço físico não favorece a implementação daquilo que está previsto no documento legal. Sem quererem nos ater a uma discussão sobre a viabilidade das alternativas sugeridas pelas crianças, chamamos a atenção para o quanto elas têm interesse em conversar sobre o espaço delas e sobre as suas possibilidades de argumentar para defender as suas ideias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, entendemos a organização do espaço como de crucial importância, pois o modo de organização do mesmo poderá favorecer ou restringir as aprendizagens, interações e brincadeiras.

Neste artigo apresentamos uma pesquisa que teve a intenção de investigar as possibilidades de participação das crianças de três a quatro anos no planejamento e organização dos espaços em uma escola de educação infantil. Essa investigação mostrou que a sala de aula da turma do jardim I possui o espaço físico pequeno, não permitindo uma organização permanente de cantos temáticos. Apesar disso, todos os materiais ficam ao alcance das crianças e elas têm livre acesso aos mesmos. Constatamos também que a decoração das paredes da sala é feita com/pelas crianças, sendo que vemos ali os registros de suas identidades, as suas histórias e aprendizagens.

Os espaços da sala não são fixos e nem permanentes, mas, ao contrário, são reinventados pelas crianças, conforme as necessidades que surgem em suas brincadeiras e imaginação.

Este estudo também mostrou que o protagonismo infantil na organização do espaço se concretiza na turma do jardim I. Mesmo com espaço limitado da sala, os cantos temáticos são diariamente inventados e organizados pelas/com as crianças. As mediações feitas pela professora promovem a autonomia e potencializam as brincadeiras.

Também constatamos que são considerados pela professora, na medida do possível, os critérios de qualidade na organização de que nos fala Forneiro (1998), ou seja, a estruturação, delimitação, transformação, estética, pluralidade, autonomia, segurança, diversidade, polivalência. Enfim, este estudo mostrou que, apesar das adversidades, é possível garantir o protagonismo infantil na organização do espaço da escola pública de educação infantil.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOCH, Fanny. **Quem educa quem?** 5ª ed. São Paulo: Summus, 1983.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Lei nº 8.069/90**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. São Paulo: CBIA-SP, 1991.

BRASIL. **Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5/2009.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Conselho Nacional de Educação. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 dez. de 2009.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam:** da criança na rua à criança cyber. Petrópolis: Vozes, 2005.

EDWARDS, Caroly; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ESCOLANO, Agustin; FRAGO, Antonio. V. **Currículo, Espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

FORNEIRO, L.I. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, M. **Qualidade na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998. P. 229 a 280.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de Empresas**, v. 35, nº 2, p. 58-62, mar./abr. 1995.

HORN, Maria da Graça Souza. **A organização dos espaços na Educação Infantil**: sabores, cores, sons, aromas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KINNEYK, Linda e Wharton, Pat. **Tornando visível a aprendizagem das crianças**: educação infantil em Régia Emília. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REDIN, Euclides. O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca. **Cadernos da Educação Infantil**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

SARMENTO, Manuel J. **Imaginário e culturas da infância**. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”, Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em: <[http://titosena.fortunecity.com/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://titosena.fortunecity.com/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2015.